



AVALIAÇÃO INTEGRAL DE CRIANÇAS SURDOCEGAS

Ximena Serpa
Fonoaudióloga
Educadora de Surdocegos

INTRODUÇÃO

Através deste manual pretendemos oferecer informação e conhecimentos básicos sobre o processo de avaliação da criança surdocega, aos pais ou profissionais que trabalham com esta população, a fim de que possam orientar-se e participar do processo educativo, de desenvolvimento das potencialidades ou de reabilitação.

Na primeira parte do manual serão considerados alguns aspectos contextuais importantes, como a definição da surdocegueira, suas classificações e suas implicações. Na segunda parte veremos o processo de avaliação propriamente dito e seus possíveis métodos de aplicação.

Estes métodos de avaliação são baseados, por um lado, na própria experiência da autora com crianças surdocegos do Centro para Deficientes Visuais e Auditivos em Santa Fé de Bogotá e, por outro lado, na sua experiência e capacitação adquiridas em outros países.

É importante destacar que ainda que nos últimos anos na Colômbia foi aumentando o número de crianças com surdocegueira, ao mesmo tempo aumentou o interesse do governo em apoiar o trabalho educacional e de reabilitação desta população. Sendo assim, a necessidade de formular noções teóricas e metodológicas que orientem o trabalho e ofereçam aos profissionais interessados estratégias mais eficazes de intervenção.

A criança surdocega apresenta uma das deficiências menos conhecidas. Não é uma criança cega que não possa ouvir, nem um surdo que não possa ver. É uma criança com uma deficiência multisensorial, privada do uso dos seus sentidos espaciais e distância, razão pela qual sua educação deve partir de necessidades individuais.

Alguns enfoques, técnicas e métodos podem ser mais adequados do que outros. Cada criança precisa que os métodos e seqüências sejam adaptados a ela e isto se consegue a partir de um bom processo de avaliação. (McInnes e Treffy, 1977)

1. DEFINIÇÕES DE SURDOCEGUEIRA

Denominamos surdocego quem possui dificuldades visuais e auditivas, sem importar a sua quantidade. (As autoras).



“Uma pessoa que tem impedimentos visuais e auditivos tão importantes, que esta dupla perda sensorial cause problemas de aprendizagem, de conduta e afete suas possibilidades de trabalho, é denominada surdocega”. (BEST Tony)

“A surdocegueira é uma deficiência única e especial que requer métodos de comunicação especiais, para viver com as funções da vida cotidiana”. (Ohlson Stig)

2. CLASSIFICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA

A surdocegueira pode ser congênita ou adquirida:

2.1 Congênita

Esta deficiência única manifesta-se desde o nascimento produzida por diversas causas como, por exemplo, a rubéola materna.

2.2 Adquirida

Apresenta-se em pessoas que eram ouvintes, videntes, surdas ou cegas e que, por diferentes fatores, adquirem a surdocegueira.

3. IMPLICAÇÕES DA SURDOCEGUEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A avaliação da inteligência da criança deficiente multisensorial é, com freqüência, uma experiência frustrante para os especialistas e motivo de ansiedade para os pais. *“Uma das experiências mais devastadoras para os pais de uma criança surdocega acontece quando é obrigada a se submeter a uma série de provas para determinar se pode ser admitida em um programa concreto”. (McInnes, Treffy 1977)*

Para que este procedimento não seja traumático, o especialista deve assumir a inteligência e o desenvolvimento como um produto da interação do indivíduo com o seu ambiente. Desde este ponto de vista, quando se tenta determinar o fundamento da inteligência, assume-se que tanto a pessoa como o ambiente psicológico tem importância, sem que seja possível determinar suas contribuições relativas. Bigge e Hunt, citados por McInnes, Treffy (1977) afirmaram que *“no processo interativo, a qualidade da percepção é de vital importância, pois ela gira em torno da eficiência dos órgãos dos sentidos, e de outras estruturas físicas... por outro lado, o homem, igual que outras espécies, pode compensar em grande parte a deterioração de sua capacidade sensorial”.*

Com base no anterior, o autêntico desafio do trabalho com uma criança deficiente multisensorial consiste em dar a ela a oportunidade de interagir com seu ambiente e entender os resultados dessa interação. Omitir este conceito explica porque muitas crianças são catalogadas erroneamente como atrasadas mentais profundas, embora sua capacidade intelectual esteja acima dos limites próprios dessa limitação.

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 2

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicación – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



De acordo com estas concepções de desenvolvimento e inteligência das crianças surdocegas, McInnes e Treffy afirmam que *“toda educação, seja formal ou informal, apóia-se em princípios fundamentais que podem ser a pedra angular de todo o trabalho”*.

Estes princípios são os seguintes:

1. Quando não há dano cerebral grave, a criança deficiente multisensorial pode ser tratada e educada para integrar-se na sociedade.
2. Embora todos ou alguns dos mecanismos sensoriais possam estar danificados, isso não implica que os seus sistemas de processamento de informação também o estejam.
3. O desafio constante para a criança deficiente multisensorial é desenvolver uma base adequada para comunicar-se com seu ambiente e compreendê-lo.
4. A criança deficiente multisensorial carece de motivação externa necessária para um desenvolvimento adequado.
6. Alguns dos transtornos físicos da criança deficiente multisensorial podem ser corrigidos através de intervenção médica.
7. Pode-se e deve-se ensinar a criança deficiente multisensorial a desenvolver ao máximo o potencial residual de cada modalidade sensorial.
8. A criança deficiente multisensorial deve estar sujeita a um programa que abranja as vinte e quatro horas do dia, sete dias por semana e 365 dias por ano.
9. A participação dos pais é essencial.

A experiência com crianças surdocegas tem ensinado a focalizar as necessidades de cada criança. Neste processo, a pessoa que realiza o diagnóstico, o psicólogo e outros que trabalham com crianças surdocegas, podem utilizar parte de uma série de testes convencionais como base para a observação.

4. DEFINIÇÃO DA AVALIAÇÃO

Há muito tempo, o interesse das diferentes disciplinas que implementam processos de reabilitação tem sido planejar um modelo de intervenção sobre as avaliações que diferentes especialidades fazem.

Na maioria das vezes, estas avaliações baseiam-se em modelos psicométricos cujo único interesse é quantificar o indivíduo tendo como parâmetros às escalas de desenvolvimento e os Coeficientes Intelectuais (CI) da população média normal.

Desde esta perspectiva, todas aquelas pessoas que sofrem alguma limitação sensorial ou motriz que afeta a relação com o seu ambiente ficam em desvantagem, já que, primeiro, não existe nenhuma prova adaptada e padronizada para a população colombiana com limitações e, portanto, todas as “pontuações” obtidas serão abaixo da média, e, segundo,

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Walthertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.”

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicación – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



porque estas provas de CI não explicam como as crianças surdocegos processam a informação. *“Não há uma intenção de processo, de como resolver um problema: só existe a questão de se a criança obtêm a resposta correta. Em muitos casos, as tarefas estão longe da vida cotidiana, apóiam-se muito na linguagem e nas habilidades das crianças para definir palavras, conhecer fatos sobre o mundo e encontrar conexões (e diferenças) sobre os conceitos verbais”.* (Gardner, 1998)

No caso da criança deficiente multisensorial não existe norma, teste de inteligência sistematizado ou meio de determinar a estrutura cognitiva. (Robbins 1979, citado por Rodriguez). A razão? A categoria “surdocego” inclui uma grande variedade de indivíduos de diferentes idades, graus de perda visual e auditiva, idades de surgimento da deficiência, limitações físicas associadas, etc.

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DA CRIANÇA SURDOCEGA

Para avaliar uma criança surdocega é preciso, primeiro, conscientizar as pessoas que lidam com ela sobre a necessidade de uma mudança no esquema e na estrutura das avaliações tradicionais.

É importante que profissionais e pais entendam que é necessário passar para um esquema mais flexível, funcional, quer dizer, para um enfoque global ao invés de um conjunto de técnicas específicas isoladas e que isto só é possível através de uma avaliação das necessidades de cada criança.

O objetivo de realizar uma avaliação nos surdocegos é determinar níveis, formas ou estilos de comunicação e habilidades comportamentais. (Fletcher e Evans 1997).

Alguns profissionais tentaram desenvolver normas particulares para ajudar a tomar decisões a respeito do programa. Aqui estão alguns exemplos significativos:

- ESCALA DE DESENVOLVIMENTO CALLIER ASUZA, na qual são analisados aspectos qualitativos, não quantitativos.
- No Centro para Deficientes Visuais e Auditivos de Bogotá, foi desenvolvido o *“PROTOCOLO DE INTENÇÕES COMUNICATIVAS PARA A POPULAÇÃO DEFICIENTE VISUAL E AUDITIVA QUE FREQUENTA O CENTRO PARA DEFICIENTES VISUAIS E AUDITIVOS”*.
- *“AVALIAÇÃO DE HABILIDADES FUNCIONAIS PARA DIAGNÓSTICO EDUCACIONAL”*, realizada por Carol Crook.

A avaliação de uma criança surdocega é uma tarefa difícil, já que não ouve, não vê e em geral não tem os pré-requisitos de avaliação, ou seja:

- a. Sentar-se mais de 10 minutos.

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 4

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



- b. Saber o que se espera delas, de suas respostas.
- c. Dar uma resposta coerente ao que é avaliado.

Os testes podem ser complicados e as pessoas que os realizam, na sua maioria, não sabem interpretar suas respostas não verbais. (Serpa Ximena 1999).

Independentemente das razões da avaliação e das técnicas e métodos empregados, o sucesso dependerá diretamente da experiência da equipe no trabalho com crianças surdocegas. A avaliação da criança surdocega que não for feita por médicos deve ser realizada por uma equipe composta por, pelo menos, dois especialistas que já tenham tido experiência, seja supervisionando, trabalhando ou avaliando crianças surdocegas.

Vejamos uns passos gerais e iniciais que devem ser o ponto de partida de toda avaliação:

5.1. Histórico Clínico

(Resumo completo da saúde da criança até esta data): Permite determinar qual é a possível causa de uma deficiência, sua classificação e incidência no desenvolvimento, assim como, os antecedentes médicos e familiares.

5.2. Programas Educacionais e Terapêuticos

(Passados e atuais): Esta informação tem o objetivo de conhecer a história do aprendizado, habilidades adquiridas e capacidade para responder à estimulação por parte da criança.

5.3. Avaliação da Família

(Resumo da organização, estrutura, estabilidade e flexibilidade familiar): É importante observar e registrar a atitude dos pais em relação à deficiência do filho e o compromisso que possam estabelecer com o processo educacional de seu filho.

5.4. Avaliação das Oportunidades de Desenvolvimento

Aqui a informação anterior deve ser ordenada cronologicamente e acrescentar em qual idade a criança alcançou ganhos importantes no seu desenvolvimento.

6. AVALIAÇÃO COGNITIVA

É muito importante o nível de compreensão e exploração que a criança apresente sobre seu meio ambiente, porque de acordo com isto dependerá a capacidade de aquisição de futuros aprendizados. Além de levantar informação sobre outras áreas de desenvolvimento, o membro da equipe que atue como observador deverá tomar nota do seguinte:



- a. Indícios de curiosidade na criança: O observador pode descobrir se a criança procura os objetos ou se toca ou olha as pessoas, ou se percebe mudanças no seu médio ambiente (por exemplo, quando alguém entra ou sai do quarto ou se reage ao lhe tirarem um objeto).
- b. Técnicas exploratórias que tenha desenvolvido: Deve-se escrever sobre a maneira como a criança toca, alcança, olha ou escuta. A maioria das crianças surdocegos que apresentam mais resíduos visuais do que auditivos dão excessiva importância aos objetos luminosos, ou os alcançam para movimentá-los frente aos seus olhos. Uma conduta que geralmente apresentam é a exploração oral: todos os objetos são levados à boca para serem chupados, já é uma maneira de conhecê-los e assimilá-los, mas é preciso estimular a criança para que passe para outra técnica de exploração, como a viso-tátil.
- c. Tentativa de organizar o meio ao seu redor: (Antecipação de eventos e acontecimentos): A maioria das crianças compreendem rapidamente as rotinas que são estabelecidas. Conhecem horários das refeições e são capazes de antecipar atividades. Isto é muito importante para alcançar maiores níveis de associação e de relações espaço-temporal.
- d. Compreensão da causa-efeito: Este aspecto deve ser avaliado com objetos e brinquedos que apresentem mecanismos de causalidade. A maneira como a criança consegue a solução de problemas práticos como pressionar botões ou abrir chaves determina, em grande parte, os níveis de compreensão do seu ambiente.
- e. Indícios de funcionamento da memória a curto e longo prazo: Pode ser avaliada escondendo da criança objetos que tinha nas mãos, fazendo com que encontre sozinha o caminho até o banheiro ou algum outro quarto. Ela também pode brincar com brinquedos conhecidos de causa-efeito para que mexa neles, ou você pode explicar o funcionamento de um brinquedo novo e depois deixá-lo com ela para que o faça funcionar.
- f. Compreensão da permanência do objeto: Esta se pode evidenciar com a avaliação da memória. É importante identificar se a criança se interessa por objetos que alcança e se volta a procurá-los, embora não estejam presentes; isto pode indicar o início da compreensão de símbolos concretos.
- g. Compreensão da função do objeto: A funcionalidade dos objetos é alcançada na medida em que se tenha explicado à criança como eles funcionam. É importante saber se a criança teve a oportunidade de “observar” como os outros agem em relação aos objetos. Pode-se utilizar para a avaliação objetos da vida cotidiana, tais como, a escova de dente, os sapatos, a torneira para lavar as mãos, etc.
- h. Nível de brincadeira: Este aspecto dependerá muito das oportunidades que a criança tenha tido para interagir com outros e do reforço social que tenha obtido. Se para uma criança surda-cega é mais reforço levar as mãos à boca, ou balançar

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Walthertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 6

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



sua cabeça do que tocar os outros, seu nível de brincadeira vai estar centrado em si mesmo. É diferente o caso de outra criança que tenha recebido estimulação para o contato social e que goste mais da interação corporal do que do isolamento.

- i. Raciocínio espacial: É alcançado através do movimento; se a criança é capaz de caminhar ou engatinhar poderá ir de um lado para outro percorrendo caminhos que depois vai decorar. Além do mais, saberá como graduar seus movimentos para alcançar objetos.
- j. Nível de resolução de problemas: Na medida em que apresentarmos a ela pequenos problemas, tais como, obstáculos no caminho, pacotes de comida sem tampa, etc., será possível avaliar sua capacidade para resolver problemas. A maioria destas crianças é muito dependente dos seus pais e das pessoas que tomam conta delas, já que tanto os pais como estas pessoas limitam a sua habilidade para “defender-se por si mesmo”.

7. AVALIAÇÃO SENSORIAL

A avaliação sensorial em crianças denominadas surdocegas é muito importante já que na maioria dos casos elas são rotuladas como surdocega, ou seja: que não tem resíduos visuais nem auditivos), porque não têm tempo para dar uma resposta ou esta resposta não foi interpretada pelos “técnicos que a realizam” e em 90% dos casos existem resíduos visuais e/ou auditivos que não foram estimulados e podem ser funcionais, o que levaria a um amadurecimento do sistema nervoso da criança.

Esta avaliação é importante, além dos mais, porque nos dará a pauta sobre qual será o (os) canal (is) sensorial (is) básico (s) para a comunicação e a aquisição de posteriores aprendizagens.

Caso exista um resíduo visual funcional, a comunicação e a aprendizagem deverão ser orientadas através deste sentido. Se não há resíduo visual funcional, mas sim auditivo, daremos ênfase à comunicação oral e ao ouvido como meio receptor de mensagens. Se não existirem resíduos dos sentidos principais, devemos enfatizar o sentido tátil como principal meio de aquisição de informação.

Na avaliação sensorial, devem ser considerados os seguintes aspectos:

7.1. Auditivo

A avaliação da audição por parte de um profissional em Audição deve incluir:

- Uma audiometria tonal.
- Uma impedanciometria.
- Potencial auditivo da pessoa que está sendo avaliada.
- Outros.

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 7

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa
Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004
Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



De uma maneira informal poderemos conhecer se a pessoa ouve e melhor é que duas pessoas realizem a avaliação informal. Uma pessoa deve observar as respostas do individuo (descritas a seguir) enquanto a outra deve fazer os sons atrás do paciente, na linha média e em cada lado, já que pode haver resíduos em um ou nos dois ouvidos.

Possíveis respostas:

- Sobressalto ou movimento corporal (susto)
- Choro
- Mexe nas orelhas
- Mudar a expressão facial (levantar as sobrancelhas, etc.)
- Alteração no ritmo respiratório

- Piscar ou movimentar os olhos
- Sorrir ou rir
- Mudar o tônus muscular (tenso)
- Ficar quieto
- Vocalizações ou gritos
- Virar os olhos ou a cabeça procurando o som

Os níveis de audição aos que o ser humano responde são:

- Consciência: percebe que há um som
- Atenção
- Localização
- Discriminação: sabe o que soou
- Reconhecimento: seleciona entre dois, o que soou
- Compreensão: reage à instrução verbal

Tipos de ruído:

- Agudos
- Graves
- Fortes
- Baixos

Deve-se anotar qual estímulo foi usado, qual foi a reação, se ouve por um lado (esquerdo ou direito) ou por ambos e se é possível saber a que responde.



7.2 Visual

O mais importante numa avaliação é a visão funcional. O oftalmologista e o optometrista fazem a medição da visão utilizando testes padrões e o potencial visual da pessoa que está sendo avaliada.

Para avaliar a visão considere o seguinte:

- Qual a melhor posição para que a criança responda a um estímulo visual.
- Se ao apresentar um estímulo à criança ela o observa, ou se ao olhá-lo, a criança olha para você.
- Se responde à luz.
- Se responde mais as cores fortes, ou a contrastes (branco-preto).
- Se tem movimento de olhos e são coordenados.
- Se tem referência de cores.
- Se quando caminha (tropeça).

- Se ao apresentar e movimentar um objeto à criança ela o segue com os olhos.
- Se há movimento da cabeça ao virar os olhos.
- Se olha o que pegou.

Na avaliação considere:

- O campo visual
- Agudeza visual
- Percepção de cor, forma e profundidade

7.3 Tátil

As crianças podem apresentar o que se denomina "hipersensibilidade tátil", que pode ser traduzida como uma "defesa tátil" e que se reflete quando não suportam algo grosso na comida, ou escovar os dentes, ou quando rejeitam qualquer contato físico, mesmo carícias. Portanto, é preciso verificar:

- Se, em geral, parece que fica incomodada quando a tocam em alguma parte do corpo.
- Se mostra desagrado diante de diferentes texturas (suaves ou ásperas), ou se, por exemplo, não gosta de casacos de lã ou camisetas, ou não gosta de estar com os braços descobertos.
- Se permite que lavem seu rosto, dentes, corpo.
- Que tipo de comida come.

Pesquisar também:

- Responde a estímulos táteis?

"Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA." 9

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



- Destes, quais ela gosta? Suaves ou ásperos?
- Qual não gosta? Suaves ou ásperos?
- Pega em objetos e mexe neles?
- Interessa-se por texturas?

7.4. Gustativo e olfativo

A pessoa com deficiência visual utiliza muito o sentido do olfato, por isto devemos avaliá-la.

Pesquisar:

- Reage diante de diferentes odores?
- De qual gosta?
- De qual não gosta?
- Reage diferente mais diante de salgados do que de doces?
- Tem alguma preferência de sabores?

7.5. Vestibular – Proprioceptivo

Estes sentidos não são fáceis de avaliar por pessoas que não são profissionais, mas poderemos saber como está o equilíbrio na posição:

- Sentado (fica sentado?)
- Em pé (fica em pé?)
- Gosta dos movimentos?

8. AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO

Este é outro aspecto vital da avaliação, já que a comunicação permite ao indivíduo interagir com seus semelhantes e com o meio que o rodeia. É a base de um programa para crianças surdocegas.

A comunicação pode ser avaliada nos aspectos de expressão e de compreensão. Precisamos determinar a forma com que a criança se comunica, suas necessidades e desejos e se compreende o que vai acontecer, o que ela pede ao outro.

As perguntas seguintes poderão avaliar o nível de comunicação da criança surdocega:

- Expressa-se de outra maneira, que não chorando?
- A mãe ou pessoa que cuida dela sabe se o choro é por fome, sono ou por estar molhada?
- Se fala com ela:

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 10

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa

Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002

Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004

Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



- Nota mudanças de posição?
- Atende?
- Move o corpo?
- Ri?
- Chora?
- Como indica o que quer?
- Aponta?
- Pega um objeto ao seu alcance?
- Pega na sua mão e o leva até onde está o que quer?
- Como faz com que você saiba que quer mais?
- Como faz com que você saiba que não quer mais?
- Você acredita que entende palavras?
- Você acredita que entende frases?
- Você acredita que entende sinais?
- Como sabe o que vai acontecer?
- Diz alguma palavra?
- Faz algum sinal ou gesto?
- Imita sinais e gestos?
- Faz a sinal de adeus com a mão?

9. Avaliação da Motricidade

É importante determinar os padrões motrizes que a criança utiliza para explorar o meio, pois a maneira com que se desenvolve a sua motricidade determina a habilidade para aprender.

A motricidade pode ser avaliada através dos parâmetros alcançados pela criança, de acordo com a experiência. É preciso determinar se existem patologias associadas que possam alterar o desenvolvimento psicomotor de origem cerebral.

Dentro das principais condutas motrizes encontramos:

- Sustenta a cabeça?
- Muda de posição?
- Sustenta o tronco?
- Assume e sustenta a posição sentada?
- Assume e sustenta a posição de joelhos?
- Assume e sustenta a posição bípede (em pé)?
- Como se movimenta? Rastejando, engatinhando, caminhando?
- Pega objetos?
- Mexe nos objetos?
- Explora os objetos?



10. AVALIAÇÃO DAS HABILIDADES NA VIDA COTIDIANA

É importante avaliar se a criança é dependente ou independente nas seguintes atividades:

10.1. Vestir - Despir

- Ajuda a se despir?
- Ajuda a se vestir?
- Despe-se sozinha?
- Veste-se sozinha?

10.2. Alimentação

- Alimenta-se com mamadeira?
- Pega a comida com mão?
- Alimenta-se com a colher?
- Bebe do copo?
- É independente para comer?

10.3. Higiene

- Permite que lavem seu rosto e mãos?
- Permite que escovem seus dentes?
- Lava o rosto sozinha?
- Lava as mãos sozinha?
- Toma banho sozinha?
- Penteia-se sozinha?
- Escova os dentes sozinha?

11. AVALIAÇÃO SÓCIO-AFETIVA

Deve-se considerar o interesse que a criança apresenta para estabelecer relações com os demais e para interagir com adultos e crianças.

A criança surdocega inicialmente se centra em si própria e presta pouca atenção ao social, mas à medida que avança, se interessa, procura e precisa do contato com os demais. Seu nível de comunicação dependerá da qualidade para interagir com o ambiente ao seu redor.

Por isto devemos observar o seguinte:

- Permite ser tocada, abraçada, acariciada por um adulto ou por uma criança?
- Sorri para a voz ou o rosto do adulto?

“Este projeto é em parte assistido pelo Programa Hilton Perkins da Escola Perkins para Cegos, Wathertown, Mass., USA. O Programa Hilton Perkins é subvencionado por uma doação da Fundação Conrad N. Hilton de Reno, Nevada, USA.” 12

Avaliación Integral para Niños Sordociegos – Autora: Ximena Serpa
Publicação – Instituto Nacional para Cegos – Bogotá – Colômbia - 2002
Tradução-Avaliação Integral para Crianças Surdocegas - Tradutora- Miriam Xavier de Oliveira - São Paulo 2004
Revisão: Shirley Rodrigues Maia – 2005.



- Explora ou toca o adulto?
- Brinca com o adulto?
- Imita o adulto?
- Sorri para a voz ou o rosto da criança?
- Explora ou toca a criança?
- Brinca com a criança?
- Imita a criança?
- Interessava-se pelos outros?
- Apresenta condutas auto-estimuladoras?
- É hiperativo?
- É hipoativo?

CONCLUSÕES

A maioria das crianças com deficiência multisensorial possuem certo nível de funcionamento em cada uma das áreas que acabamos de mencionar.

Só é possível avaliar o significado de uma resposta ou ação concreta considerando o histórico da criança.

Antes de fazer uma avaliação, o examinador deve se perguntar: Que motivará a criança a realizar as tarefas que considere como significativas?

Através da experiência, consideramos um sistema que é produtivo na avaliação da criança deficiente multisensorial e que se resume a levar em conta o seguinte:

1. Ela deve ser observada em um contexto que proporcione segurança e confiança.
2. Uma pessoa deve abordar a criança e o restante da equipe deve observar.
3. Após estabelecer o contato inicial, é necessário recopilar todos os dados disponíveis.
4. A criança deverá ser observada quando estiver no ambiente que lhe seja mais familiar e determinar seu nível atual de funcionamento. Neste momento é conveniente conseguir a informação complementar que puder existir sobre o desenvolvimento da criança, da família e os recursos da comunidade.
5. É necessário desenvolver um programa focado nas áreas que tenham maiores possibilidades de sucesso e sejam de preocupação imediata para a família.



6. Transcorridos três a seis meses, deve-se realizar uma nova avaliação, na qual se procure determinar como foram interpretadas e colocadas em prática as sugestões do programa inicial.
7. Os pais são quem mais conhecem a criança; na realidade, eles são os “especialistas” e por isso é preciso acreditar nos seus comentários.
8. É bastante funcional gravar a criança em vídeo, para analisar com mais tempo as suas respostas e tê-la como ponto partida para o seu progresso.

Uma avaliação realizada como sugere este manual dará as bases para determinar as necessidades principais do usuário e permitirá traçar um plano de trabalho em casa ou um possível tratamento.

Sempre devem ser consideradas todas as áreas, tanto para a avaliação como para o programa a seguir, porque é uma pessoa integral que não pode ser dividida.